REVISTA CORDIS

A MATÉRIA E O SAGRADO: AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DA ATUAÇÃO DOS "TIJOLOS MÁGICOS" NA RELIGIÃO EGÍPCIA

MATTER AND THE SACRED: THE INTERPRETATIVE POSSIBILITIES OF THE "MAGICAL BRICKS" ROLE IN EGYPTIAN RELIGION

Maria Eduarda de Almeida Vaz [1]

RESUMO: Utilizados com maior frequência a partir do Reino Novo, os denominados "tijolos mágicos" egípcios consistiam em espécies de blocos de argila nos quais eram inscritas passagens do Livro dos Mortos para guiar o morto na trajetória ao pós-vida e sobrepostos amuletos de proteção para que toda a tumba fosse vigiada de acordo com os quatro pontos cardeais. Este artigo argumenta que a composição material desses objetos não era acidental, mas estava diretamente relacionada às concepções egípcias acerca dos ciclos da vida e da morte, às inundações do Nilo e às simbologias associadas à criação do mundo. Para isso, investiga-se a produção e os usos de tal mobiliário funerário a partir das perspectivas da Arqueologia Funerária de modo a demonstrar como a lama empregada em sua fabricação servia como um componente fundamental de sua eficácia ritual. Ao considerar a matéria-prima dos tijolos para além de seu caráter aparentemente mundano e funcional, propõe-se, por fim, uma reflexão sobre as múltiplas formas pelas quais esses objetos poderiam atuar na religião funerária egípcia como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Funerária; Egito Antigo; Lama; Morte; Tijolos mágicos.

ABSTRACT: More frequently used from the New Kingdom onward, the so-called Egyptian "magical bricks" consisted of clay blocks on which passages from the Book of the Dead were inscribed to guide the deceased on their journey into the afterlife, while protective amulets were placed upon them so that the tomb as a whole could be guarded according to the four cardinal directions. This article argues that the material composition of these objects was not accidental, but was directly related to Egyptian conceptions of the cycles of life and death, the inundations of the Nile, and the symbolism associated with the creation of the world. To this end, it investigates the production and uses of this funerary equipment from the perspective of Funerary

[1] Mestranda em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ). Financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Orcid: https://orcid.org/0009-0002-7558-754X E-mail: mariaeduarda.davaz@gmail.com

Archaeology, seeking to demonstrate how the mud employed in their manufacture served as a fundamental component of their ritual efficacy. By considering the raw material of the bricks beyond its apparently mundane and functional character, this article ultimately proposes an analysis of the multiple ways in which these objects could have operated within Egyptian funerary religion as a whole.

KEYWORDS: Funerary Archaeology; Ancient Egypt; Mud; Death; Magical bricks.

10.23925/2176-4174.38.2026e77956

Recebido em: 31/08/2026.
Aprovado em: 17/09/2026.
Publicado em: 23/09/2026.

Introdução

Ao longo de aproximadamente três milênios, a morte nunca deixou de ocupar um lugar central na civilização egípcia, sendo concebida não como um fim definitivo, mas como a demarcação de um novo ciclo de existência no além-túmulo, inversamente proporcional à vida terrena anterior. Deixavam, assim, as terras egípcias de *Kemet*, o domínio dos vivos, para adentrar o domínio altamente complexo de *Duat*, o mundo dos mortos. Mediante a realização adequada da performance dos rituais funerários, da deposição de oferendas, da utilização de textos mágicos e da provisão de equipamentos funerários por parte dos ainda vivos, os já mortos adquiriam as condições necessárias para orientar-se pelo submundo e completar as provações indispensáveis à obtenção da imortalidade.

À semelhança de Osíris, o falecido deveria encarar a morte com naturalidade e recuperar a integridade de seu corpo através de tais cuidados funerários, os quais mobilizavam uma rede de responsabilidades sociais e compromissos cívicos compartilhados entre vivos e mortos. Durante o percurso em direção ao *Duat*, os mortos precisavam enfrentar uma série de perigos e obstáculos, da mesma forma em que Rá cumpria todos os dias sua travessia noturna por esse mundo inferior em prol da regeneração diária do sol. É nesse contexto em que se inserem os *“magical bricks”*, expressão traduzida *ipsis litteris* como “tijolos mágicos”, idealmente espécies de blocos elaborados em quartetos, nos quais eram inscritas passagens ou feitiços do

Livro dos Mortos e sobrepostos amuletos de proteção aos recém-falecidos contra possíveis adversidades nessa travessia ao *Duat*.

Caso seguissem a tradição prescrita nos Capítulos 151 e 161 do LM, os quais versam sobre as instruções de produção e de uso desses tijolos, quatro amuletos deveriam ser inseridos no interior de uma cavidade já pré-cravada na superfície de cada um dos quatro tijolos. Em seguida, seguindo meticulosamente os quatro pontos cardeais, seriam depositados em quatro nichos abertos nas quatro paredes das tumbas de modo em que não somente o sarcófago propriamente dito, mas o cômodo inteiro fosse vigiado de Norte a Sul e de Leste a Oeste. As quatro figuras típicas dos amuletos são respectivamente: uma figura mumificada para o ponto Norte; uma tocha para o ponto Sul; um chacal reclinado, notadamente Anúbis, para o ponto Leste; e um pilar *djed* para o ponto Oeste.

Conforme Thomas (1964, p. 71), os tijolos começaram a ser elaborados e utilizados com uma frequência significativa a partir do Reino Novo, pelo menos desde o reinado de Tutmés III (KV34) durante a XVIII Dinastia (1550 AEC). Foram encontradas evidências arqueológicas dos tijolos dispersamente no tempo até a XXX Dinastia (380 AEC) da Época Baixa, sob o reinado de Nectanebo I, segundo Taylor (1999, p. 67), mas até o momento são conhecidos menos de cem indivíduos, principalmente homens, que se utilizaram dessa estratégia protetiva, dentre faraós, membros da realeza, oficiais da elite, ou ainda, touros Apis. Esses artefatos são provenientes de diferentes regiões do Egito, mas com uma relativa concentração nas antigas cidades de Tebas e Abidos, atuais Luxor e Sohag respectivamente. Atualmente estão espalhados em coleções de museus ao redor do mundo, mas em especial na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e no próprio Egito.

Os *magical bricks*, aliás, não são achados em escavações com muita frequência e, quando são, raramente se encontram em um bom estado de conservação, até porque boa parte deles ainda pode estar oculta dentro das paredes de tumbas e a sua retirada poderia comprometer a estrutura física desses tipos de edificações funerárias. Além disso, estão longe de serem incomuns as anomalias e variações quanto aos tijolos e seus aos nichos nas escavações em relação às técnicas, orientações, localizações, números, tamanhos ou inscrições, entre outros aspectos. De todo modo, apesar de se comportar como uma documentação bastante fragmentária e lacunar, esse tipo de mobiliário funerário ainda abre possibilidades

quanto a uma melhor tradução dos discursos e das narrativas do Egito Antigo acerca do papel social da morte.

Para investigar as possíveis implicações rituais de tais variações, se faz preciso, portanto, decompor a própria matéria que os constitui, examinando a composição dos tijolos, seu processo de produção e, sobretudo, o uso da lama como matéria-prima fundamental. Compartilhando do ponto de vista de Júnior (1994/1995, p. 28-29), em geral as estratégias apotropaicas partem de duas premissas praticamente generalizadas ao longo de todo o período faraônico egípcio: a vida além-túmulo como um prolongamento da vida terrestre às margens do Nilo e a existência de uma longa trajetória repleta de perigos a ser percorrida pelo recém-morto. É justamente sob esse viés que os *magical bricks* agem em relação ao aprimoramento do ambiente mágico-protetor da múmia, buscando o seu posterior renascimento no *Duat* e a sua plena permanência na eternidade.

Mesclando argila e lama: o processo arqueométrico de manufatura dos tijolos mágicos egípcios

Os denominados *"mud bricks"*, "tijolos de lama" (*djebet*), normalmente eram elaborados a partir de uma mistura de lodo e argila crus, na qual às vezes também eram adicionadas areia e palha. De acordo com a descrição feita por Emery (2011, p. 1-4), os sedimentos de lodo, argila e areia eram inicialmente removidos de suas respectivas fontes e depositados em qualquer espécie de recipiente circular, moídos com enxadas e processados com água para compor uma mistura firme. Depois, a palha picada era adicionada nessa mistura, na proporção de cerca de uma parte de palha para cinco partes de mistura, e amassada com as mãos ou os pés. Esperava-se a mistura fermentar por uma ou duas noites e, no dia seguinte, era adicionada mais água na mistura e esta era amassada novamente até chegar à textura correta. Quando pronta, então, tal mistura de lama era despejada em moldes retangulares de madeira que tinham uma das extremidades de algum dos lados mais prolongada para formar uma alça.

A mistura era transportada até uma espécie de campo de moldes, anteriormente coberto com palha para evitar que os tijolos moldados acabassem aderindo à superfície do solo durante a secagem. Nesse mesmo raciocínio, os moldes

de madeira eram rapidamente mergulhados em água para evitar que a mistura aderisse ao molde durante esse processo de moldagem. Os moldes eram enchidos quase por completo e a mistura era devidamente compactada e alisada dentro dos moldes. De modo a fazer um recorte, os moldes eram depois removidos com o maior cuidado possível para que a forma do tijolo não fosse afetada. Esse processo era repetido quantas vezes fosse necessário e os tijolos eram alinhados em uma superfície qualquer para secarem naturalmente sob a luz solar. Os tijolos eram deixados secando pelo menos por três dias até serem virados ao contrário e deixados para secar novamente mais três dias. Geralmente o processo completo de produção durava entre oito e nove dias, mas quanto mais tempo eles fossem deixados secando ao sol melhor para que todas as laterais ficassem firmes.

Figuras 1 e 2 - Conjunto de dois tijolos para um touro Apis (N842E - N842F)



Fonte: Museu do Louvre. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010033707>. Acesso em: 30/03/2025.

Sendo assim, muitas vezes a preferência era dada aos tijolos secos por mais tempo, então para o planejamento de obras públicas a serem feitas no outono, por exemplo, os tijolos já deveriam ser fabricados na primavera e deixados para secar durante todo o verão. É evidente que a porcentagem de cada matéria-prima utilizada variava conforme as condições ambientais de cada região, mas um padrão aproximado de referência para se construir um tijolo de qualidade era de não mais que 30% de argila finamente peneirada ou lodo e não menos que 50% de areia, conforme Emery (2011, p. 2). Uma alta porcentagem alta de argila poderia fazer com que o tijolo

quebrasse ou perdesse o seu formato, enquanto uma alta porcentagem de palha poderia atrair insetos que às vezes comiam essa matéria orgânica dentro dos tijolos. Algumas vezes o lodo utilizado vinha diretamente das porções de terra mais férteis adjacentes ao Rio Nilo, um substrato aluvial escuro e aglutinante emergido após o recuo das águas de dilúvios.

Os tamanhos dos tijolos e dos seus moldes em si tinham uma grande variedade a depender do contexto temporal, dos fabricantes ou dos tipos de construções para os quais eram destinados. Mas é praticamente consensual na bibliografia especializada que esses tijolos de lama eram um dos materiais de construção mais comuns no Egito Antigo e frequentemente reutilizados entre diferentes construções ou em atividades artísticas ou religiosas, um material bastante primordial e multifuncional nesse sentido. Ainda segundo Emery (*op. cit.*, p. 1-2), a maioria das construções egípcias empregava tais tijolos em suas construções, desde estruturas domésticas e de armazenamento mais simples até templos, palácios e monumentos funerários mais complexos. No caso dos tijolos mágicos em questão, podiam ser justamente reutilizados dessas construções de viés arquitetônico ou exclusivamente fabricados para fins funerários.

Sobretudo a partir da documentação do Capítulo 151 do Livro dos Mortos, sabe-se que, após a fabricação, idealmente eram reunidos quatro desses tijolos e, em cada um, eram inscritas passagens do próprio capítulo de modo a descrever suas funções apotropaicas baseadas em seus devidos amuletos e/ou designar as paredes a serem inseridos em acordo com os pontos cardeais. Quanto às inscrições, Monnet (1951, p. 154 *apud* Thomas, *op. cit.*, p. 75) informa que, nas tumbas reais era utilizado o sistema de hieróglifos, ao passo que, nas tumbas não-reais, comumente as inscrições eram feitas em hierático. Em seguida, eram sobrepostos amuletos em cada um dos tijolos, inseridos no interior de cavidades já pré-cravadas em suas superfícies.

A figura mumiforme do ponto Norte (*ima-wood*), que representava o morto renascido semelhantemente ao *shabti*, deveria ser confeccionada com argila e ter a sua boca aberta. Já a tocha do ponto Sul deveria ter o seu pavio feito com linho ou junco e depois embebido em óleo *sêfet* para manter a chama acesa durante o ritual de selamento da tumba. Simbolizando Anúbis, o chacal do ponto Leste, por sua vez, deveria ser composto por uma mistura de argila e incenso, conforme Taylor (2010, p. 119), e o pilar *djed* do ponto Oeste deveria ser feito com faiança e electro e depois

ungido e enrolado em linho, segundo Roehrig e Roth (2002, p. 122). Posteriormente era aberto um nicho em cada uma das quatro paredes da tumba para que os tijolos com suas inscrições e amuletos fossem colocados e esses nichos selados, antes ou depois da parede ser decorada. O tijolo com a figura mumiforme do ponto Norte deveria estar voltado para a parede Sul, enquanto o tijolo com a tocha do ponto Sul deveria estar voltado para a parede Norte. Nessa mesma lógica, o tijolo com o chacal do ponto Leste deveria estar voltado para a parede Oeste e o tijolo com o pilar *djed* do ponto Oeste deveria estar voltado para a parede Leste.

Figura 3 - Quarteto de tijolos da sacerdotisa Henutmehyt (EA41544 - EA41547)



Fonte: Museu Britânico. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA41544>. Acesso em: 18/12/2024.

Após a etapa de selamento, por fim, os tijolos estariam invisíveis e dispostos a cumprirem o seu papel principal de proteger o corpo da múmia e todo o ambiente em torno dela. Essa invisibilidade era profundamente relevante na medida em que cada amuleto detinha de uma função apotropaica específica, também descritas no Capítulo 151. A figura mumiforme servia para derrubar possíveis inimigos encontrados no *Duat*, abater "aquele que abate" e afastar "aquele que afasta", enquanto a tocha previne que a tumba seja sufocada com areia e confunde o caminho dos malfeitores. Já o chacal repele a ira de seres opositores (*sjfw* ou *sfjw*) e o pilar *djed* mantém longe "aquele cujos passos são para trás e cuja face é escondida" (*Kap-her*). Para Voss (1965, p. 315-316), o pilar *djed* poderia combater esse inimigo através da iluminação. Dispostas no Papiro de Turim (Suppl. 8438), resguardado no Museu Egípcio de Turim e associado ao funcionário Khâ do Reino Novo, as instruções relatam:

> "Feitiço do Norte ("Instrução para o tijolo com a figura mumiforme"[2]): Esse feitiço é para ser evocado sob um tijolo de argila crua, no qual este feitiço tenha sido cravado. Faça um nicho para ele nas paredes do submundo e deposite uma imagem de *ima-wood* com ≈13 centímetros de altura, cuja boca foi aberta, firme esse tijolo na parede Norte, sua face voltada para o Sul, e cubra sua face.
>
> Feitiço do Sul ("Instrução para o tijolo com a tocha"): Esse feitiço é para ser evocado sob um tijolo de argila crua [, no qual este feitiço tenha sido cravado]. Anexe uma tocha acesa. Faça um nicho para ele na parede Sul, sua face voltada para o Norte, e cubra sua face.
>
> Feitiço do Oeste ("Instrução para o tijolo com o pilar *djed*"): [Esse feitiço é] para ser evocado sob um amuleto de pilar *djed* de faiança, cujo topo tenha sido revestido com electro, enrolado em linho real com unguento derramado sobre ele, firme esse amuleto em um tijolo de argila crua. Faça um nicho para ele na parede Oeste, sua face voltada para o Leste, e cubra sua face com terra. [Este é um meio de] estar sob a árvore de A'Aru (Campo de Juncos, *sḫt-rw*) e repelir os adversários de Osíris, em quaisquer formas [que eles] vierem.
>
> Feitiço do Leste ("Instrução para o tijolo com a figura de Anúbis"): Esse feitiço é para ser evocado sob [uma figura de] Anúbis de argila crua misturada com incenso, firme ela em um tijolo de argila [crua] com este feitiço cravado nele. Faça um nicho para ele na parede Leste, sua face voltada para o Oeste, e cubra sua face".
>
> (Papiro de Turim/Suppl. 8438 *apud* RÉGEN, Isabelle. *When the Book of the Dead does not match archaeology: the case of the protective magical bricks (BD 151).* Londres: British Museum Studies in Ancient Egypt and Sudan, v. 15, 2010, p. 269, tradução própria)

Uma vez posicionados em seus respectivos nichos, os tijolos passavam a integrar o espaço funerário como um todo e participavam dos procedimentos de encerramento da tumba por sacerdotes e demais profissionais envolvidos nas práticas funerárias, após os quais o acesso ao seu interior era definitivamente selado. Nesse raciocínio, sua utilização ritual se encerrava justamente no momento em que sua presença material se tornava permanente no espaço da tumba, fazendo com que a própria matéria de que eram constituídos permanecesse vinculada ao destino do falecido. Aos moldes egípcios, a eficácia em todo esse processo dependia não apenas de sua forma, localização, inscrições ou elementos associados, mas também de sua própria materialidade orgânica e química. Partindo desse pressuposto, seus componentes não devem ser tratados pura e simplesmente a partir do acaso, mas sim

[2] Expressões entre parênteses acrescentadas pela autora com base em TAYLOR, John Hilton. *Journey through the afterlife: Ancient Egyptian Book of the Dead.* Cambridge: Harvard University Press, 2010; FAULKNER, Raymond. *The Ancient Egyptian Book of the Dead.* Austin: University of Texas Press, 1990, p. 145-148.

como mecanismos complexos capazes de reproduzir intencionalidade e agenciamento.

O tijolo para além do mundano: reflexões sobre o potencial ritual da lama na tradição mágico-religiosa egípcia

Em comparação a outros tipos de materiais usados no contexto arquitetônico, os tijolos de lama egípcios eram relativamente mais baratos e fáceis de serem fabricados. Silva (2020, p. 191-192) também menciona o seu potencial em agir como isolante térmico e regulador de temperatura. Embora precisassem frequentemente de manutenção, reparação e reaplicação de reboco, o que contribui para um menor índice de sobrevivência no registro arqueológico, os tijolos eram significativamente duráveis e resistentes para serem utilizados nas construções e outras atividades sociais. Mas para além das razões meramente práticas e utilitárias, esses tijolos, por serem lama em essência, eram intimamente associados aos ciclos vitais, às inundações do Nilo e às simbologias em torno da criação do mundo.

Isso porque a lama permanecia recoberta pelas águas e, portanto, invisível durante parte significativa do ano, tornando-se novamente acessível apenas com a retração das águas ao término do ciclo de cheia. A cada recomeço de ciclo, esse substrato era renovado e revitalizado, trazendo matéria orgânica para as plantas e animais ao seu redor e contribuindo para a fertilidade do solo, o qual sustentava a subsistência agrícola das comunidades humanas. Em certa medida, a lama atuava diretamente na regulação do funcionamento dos mecanismos da vida terrena, uma dinâmica que, de acordo com a tradição religiosa egípcia, remontava às próprias origens mitológicas do mundo.

> “Escaravelho de Atum!
> Elevaste-te alto, como a colina;
> ergueste-te como o *benben*
> no Recinto do *Benben* em Heliópolis”
>
> (Textos das Pirâmides de Pepi II, Recitação 369, Resposta ao Ritual de Oferendas. ALLEN, James P. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts.* Atlanta: Society of Biblical Literature Press, 2005, p. 269 apud SILVA, Luiza Osorio G. *The Myth of the Mundane: The Symbolism of Mud Brick and Its*

Architectural Implications. Cairo: Journal of the American Research Center in Egypt (JARCE), v. 56, 2020, p. 190)

Nesse trecho, enfatiza-se a emergência do deus criador Atum tanto a partir da terra quanto da pedra *Benben*, sua proveniência supostamente associada a um santuário de Heliópolis denominado Recinto do *Benben*. Segundo a cosmologia heliopolitana, a terra e a pedra teriam sua origem no monte primitivo que emergiu das águas primordiais (*Nu*), sobre o qual Atum se estabeleceu para dar início à criação do mundo. Enquanto a pedra foi concebida por meio da interação entre as águas e o monte, a terra surgiu diretamente do monte, então a substância da lama seria especialmente relacionável a essa terra primitiva pela sua própria natureza cosmogônica. Ou pelo menos, poderia encontrar correspondência nos fenômenos concretos proporcionados pelas cheias periódicas de inundação do Nilo, cujo recuo deixava expostos montes de terra fértil sobre a paisagem, os quais possivelmente influenciaram toda essa concepção de criação mitológica.

Em consonância com Silva (2020), a lama pode ser compreendida como um material cíclico[3], passível de ser moldado e transformado pelas mãos humanas, constituindo, assim, uma possível metáfora para os ciclos da vida e dos seres vivos. Talvez um reforço da transição espontânea e abrupta da vida em direção à morte, conforme descrito por Raven (1988, p. 240), devido à sua plasticidade e à sua capacidade destrutiva. Não por acaso, esse material era empregado na confecção de tijolos destinados a cerimônias de fundação de estruturas arquitetônicas[4] e a rituais relacionados ao nascimento[5] e à morte. Sendo assim, cabe questionar se a própria instrução de manter a lama e a argila em seu estado cru nos tijolos mágicos não poderia estar conectada à preservação de sua composição enquanto matéria

[3] Por muito tempo, a bibliografia especializada tratou os tijolos de lama como materiais mundanos, banais e efêmeros, sobretudo em contraste com a pedra, concebida como perene, divina e estável. Nessa perspectiva, embora ambos compartilhassem uma origem material na cosmologia, a pedra não representava um material cíclico, mas ao contrário, essencialmente linear, uma vez que suas características não se alteravam de maneira perceptível ao longo de uma vida humana. Um possível referencial concreto para essa concepção na paisagem egípcia seriam os penhascos desérticos que ladeavam a planície aluvial do Nilo em ambas as margens. Na prática, contudo, tijolos e pedras se complementavam na arquitetura egípcia, e a proporção empregada de cada material dependia sobretudo do contexto e da natureza da construção. Para mais sobre essa discussão, ver Silva, 2020.

[4] Acerca das cerimônias de fundação, ver Silva, *op. cit.*, p.184-186.

[5] Mais a respeito dos usos dos tijolos de lama em rituais de nascimento, ver Roehrig e Roth, 2002.

proveniente da lama do Nilo e, consequentemente, à manutenção de sua potência simbólica associada aos processos de regeneração e renascimento após a morte.

Evidentemente, nem todo uso de lama na composição dos tijolos deve ser avaliado como precisamente simbólico, afinal o aspecto estético, o impacto colorimétrico, o potencial de durabilidade ou a disponibilidade de recursos disponíveis são apenas alguns dos fatores que também precisam ser levados em consideração, uma vez que determinam e limitam as escolhas de produção. Recursos como a argila, a areia e a palha eram relativamente abundantes no ecossistema desértico egípcio e, por isso, seria natural que fizessem parte dessas escolhas nesse processo de manufatura.

Figura 3 - *Magical bricks* diversos (E6792, E12289, E6777 e E10544)[6]



Fonte: *Institute for the Study of Ancient Cultures, West Asia & North Africa (ISAC)* da Universidade de Chicago. Disponível em: <https://isac-idb.uchicago.edu/id/fbce2d10-bf4c-4a72-8645-0ab263ef6d75>. Acesso em: 28/09/2025.

Afinal, como qualquer prática funerária, essa estratégia não permaneceu estática ao longo das dinastias, mas certamente seria afetada por diferentes condições de produção e escolhas realizadas em cada contexto. O tempo disponível para a preparação do funeral, o domínio técnico dos artesãos, a familiaridade com determinados procedimentos e o interesse em privilegiar certas narrativas ou repertórios simbólicos podiam interferir diretamente na forma como a prática era

[6] O tijolo inventariado pelo código “E6792” foi dedicado a um sacerdote chamado Paibmer, enquanto o de código “E12289” foi dedicado a um vizir e escriba chamado Amenemhat. Por sua vez, as inscrições do tijolo e código “E6777” revelam uma atribuição ao vizir Nespaqashuty C., mas a atribuição do tijolo de código “E10544” ao faraó Tutmés III ainda permanece incerta.

executada, um processo resultado de sucessivas experimentações. Aquilo que em determinado momento parecia adequado, eficaz ou simbolicamente significativo poderia ser modificado, simplificado ou mesmo abandonado em outro, fazendo com que práticas funerárias atingissem períodos de maior difusão e, posteriormente, perdessem espaço diante de novas possibilidades.

No entanto, independente das circunstâncias, a meu ver, as matérias-primas que compõem os tijolos mágicos não eram escolhidas à toa, mas na verdade muito em função de atributos cosmológicos. Na proporção em que os objetos sob análise são utilizados em atividades particularmente simbólicas, parece válido interpretar sua composição através de lentes também simbólicas. Em outras palavras, a lama não é um composto meramente mundano nesse caso e detém de valor na eficácia ritual dos tijolos mágicos, tanto em termos proteção quanto de garantia de um trajeto pós-vida eficaz por parte do morto. Por ser magicamente carregada, essa lama, enquanto produto final, transferem as energias de renovação e renascimento à atmosfera de proteção da tumba em conformidade com as concepções religiosas egípcias. Considerando a magia como defensiva (Lichtheim, 1973, p. 97-109; Pinch, 2006, p. 17; Ritner, 1993, p. 20 *apud* Zinn, 2013, p. 1), toda essa atmosfera favorece um trajeto pós-vida eficaz por parte do morto, já que auxilia a se defender de inimigos e preservar sua existência.

A magia era um fenômeno inerente a todos os níveis da religião egípcia e integrada na vida cotidiana de todo e qualquer membro da sociedade, às vezes por meio de textos escritos, estátuas, amuletos e, principalmente, equipamentos funerários. Segundo Zinn (*op. cit.*, p. 1), a magia já existia no mundo mesmo quando as divindades e o cosmos ainda estavam sendo criados. A manipulação mágica dos tijolos, assim, era uma estratégia de usar a religião a seu favor e uma maneira de colocar a morte à serviço do corpo social. Somente após receberem os rituais, oferendas, textos e mobiliários necessários para serem admitidos no além–vida, é que os mortos poderiam percorrer livremente o *Duat* e desfrutar da vida eterna sob o comando de Osíris. Isso só era possível através da convicção na religião, a qual quase que por natureza ontológica era também mágica no contexto egípcio.

No final das contas, o uso dos *magical bricks* diz respeito à tentativa de organizar mentalmente e preservar religiosamente o fenômeno da morte, nem que pelo menos no imaginário ou no mais íntimo do ser. Além do mais, era uma forma de

estruturar uma perspectiva mais ampla de continuidade das práticas sociais e institucionais e da própria comunidade enquanto espécie. Os tijolos mágicos, a meu ver, desempenhavam papéis simultaneamente apotropaicos, cosmológicos, mediadores e material-simbólicos, dimensões que, longe de serem mutuamente excludentes, parecem constituir diferentes aspectos de uma mesma atuação ritual.

Sua dimensão apotropaica manifesta-se na proteção do corpo mumificado, na defesa do espírito contra ameaças e no afastamento de quaisquer forças capazes de comprometer sua trajetória no além. Sua dimensão cosmológica, por outro lado, relaciona-se à própria concepção egípcia de morte como processo de renovação e regeneração, na qual participam de modo a procurar alguma tendência de equilíbrio entre a vida e a morte no universo[7]. Essa dimensão também é particularmente significativa quando se considera sua composição, uma vez que a lama, enquanto matéria associada à paisagem nilótica e, em termos cosmológicos, à emergência da terra primordial a partir das águas primevas, carregava consigo uma relação potencial com as próprias forças geradoras do mundo.

Já a dimensão material-simbólica reside na possibilidade de que a eficácia ritual dos tijolos não estivesse dissociada da lama que os constituía, novamente bastante expressiva do ponto de vista da criação do cosmos. Por último, a dimensão mediadora repousa na capacidade de interceder nessa operação multifacetada entre corpo, tumba, espaço construído ritualmente e mundo dos mortos. Essa multiplicidade de significados e agências é absolutamente coerente dentro da lógica religiosa egípcia e, nesse sentido, os tijolos mágicos podem ser tudo isso ao mesmo tempo. A transformação da lama em tijolo não eliminaria necessariamente suas associações anteriores, mas ao contrário, poderia incorporá-las a uma nova configuração ritual, fazendo da própria matéria um componente de sua eficácia. Tal transformação não estaria partindo, nesse caso, de um suporte semanticamente neutro, mas já talvez de uma substância carregada de possibilidades simbólicas.

Considerações finais

[7] Sobre a atuação da morte na manutenção da ordem cósmica, a *ma'at*, ver Martin, 2008; Rolland, 2015.

Apesar de constituírem um recurso arqueológico ainda pouco explorado pelas pesquisas científicas, os “tijolos de lama” eram empregados de maneira praticamente generalizada na arquitetura do Egito Antigo e, muitas vezes, também incorporados ou reutilizados em performances rituais e funerárias. Um volume considerável desses objetos sobreviveu ao tempo e pode configurar uma materialidade potencialmente inovadora para as análises acerca dos costumes culturais e das técnicas produtivas dos antigos egípcios, permitindo observar como o fluxo de reprodução das práticas é dinâmico e incorpora referências semânticas complexas. Nesse contexto, os tijolos mágicos, fossem eles reutilizados de estruturas arquitetônicas ou produzidos especificamente para fins funerários, eram inseridos na tumba com a finalidade de garantir a segurança da tumba em *Kemet*, tanto diante de invasores quanto de ameaças sobrenaturais, além de permitir que a múmia recuperasse a posse do seu corpo no *Duat* e desfrutasse da imortalidade.

Por mais que a seleção das matérias-primas pudesse atender, em princípio, a critérios de ordem prática, relacionados à sua disponibilidade, facilidade de obtenção e manipulação, propriedades físicas, características estéticas ou durabilidade, buscou-se argumentar neste artigo que tal seleção, em especial da lama, também carregava uma dimensão simbólica extra. Isso porque, diante das perspectivas cosmogônicas egípcias, a lama pode ser compreendida em estreita relação com processos de renovação e geração da vida. Assim como a lama permanecia temporariamente submersa durante o ciclo das cheias do Nilo e, após a retração das águas, voltava a emergir como substrato fértil para a renovação da vida natural em torno de si, a morte também fazia parte de um ciclo no qual o morto renascia em outro plano e tipo de existência.

Essa associação encontra ainda possíveis fundamentos nas próprias narrativas cosmogônicas, através das quais a lama se estabeleceu, desde as origens do mundo, como um mecanismo criador de vida vinculado ao monte primevo. Desse modo, mais do que um componente funcional dos *magical bricks*, a lama pode ter servido como um meio de ativar os tijolos magicamente e energeticamente, constituindo sua própria linguagem ritual e aproximando a matéria da função. Quanto a essa magia, por ser um fenômeno indubitavelmente mágico-religioso, a antiga religião egípcia permitia que a morte, e as concepções religiosas formuladas em torno dela, influenciassem magicamente na vida.

A manipulação mágico-religiosa desse tipo de mobiliário funerário, então, pode ter assumido dimensões apotropaicas, cosmológicas, mediadoras e material-simbólicas durante seus usos em uma tentativa de alguma maneira negociar com a morte. Justamente por isso, investigações mais profundas dos tijolos mágicos e das circunstâncias que, de fato, orientavam sua produção, composição, disposição e utilização talvez possam ainda ter muito a dizer sobre as mentalidades e sociabilidades dos antigos egípcios, sobretudo do Reino Novo em diante. Por vezes, morrer e renascer enquanto egípcio manifestava uma postura de assumir um compromisso e uma insistência de continuar existindo em detrimento daquilo que não era possível evitar.

Referências bibliográficas

ASSMANN, Jan. ***The mind of Egypt: history and meaning in the time of the pharaohs.*** Nova York: Metropolitan Books (Henry Holt and Company), 2002, p. 197-286.

BUDGE, E. A. Wallis. ***The Egyptian Book of the Dead: The Chapters of Coming Forth by Day.*** Londres: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1898, p. 1-377.

BUDGE, E. A. Wallis. ***The Egyptian Book of the Dead: The Papyrus of Ani in the British Museum.*** Londres: British Museum Press, 1895, p. 1-377.

BUDGE, E. A. Wallis. ***The Papyrus of Ani: a reproduction in facsimile – Vol. 1.*** Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1913, p. 217-337.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 1-155.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo.** São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 1-52.

EMERY, Virginia L. *Mud-brick*. Los Angeles: ***Encyclopedia of Egyptology (UCLA)***, 2011, p. 1-10.

FAULKNER, Raymond. ***The Ancient Egyptian Book of the Dead.*** Austin: University of Texas Press, 1990, p. 1-192.

JÚNIOR, Antonio Brancaglion. O eufemismo da morte no Antigo Egito. São Paulo: **Clássica (Revista Brasileira de Estudos Clássicos)**, v. 7/8, 1994/1995, p. 25-32.

MATIAS, Keidy Narelly Costa. Cartografias do além: a sociedade dos vivos e a sociedade dos mortos no Antigo Egito. Natal: **Alétheia (Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo)**, v. 10, n. 1, 2015, p. 51-59.

MARTIN, Denise. *Ma'at and order in African cosmology: a conceptual tool for understanding indigenous knowledge.* Los Angeles: ***Journal of Black Studies***, v. 38, n. 6, 2008, p. 951–967.

MONNET, Janine. *Les briques magiques du Musée du Louvre.* Paris: ***Revue d'Égyptologie (RdE)***, v. 8, 1951, p. 151–162.

PEARSON, Mike Parker. ***The Archaeology of Death and Burial.*** Stroud: Sutton Publishing, 1999, p. 1-232

RAVEN, Maarten J. *Magic and symbolic aspects of certain materials in Ancient Egypt.* San Antonio: ***Varia Aegyptiaca***, v. 4, 1988, p. 237–242.

RÉGEN, Isabelle. *When the Book of the Dead does not match archaeology: the case of the protective magical bricks (BD 151).* Londres: ***British Museum Studies in Ancient Egypt and Sudan***, v. 15, 2010, p. 267-278.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica.** São Paulo: Alameda, 2007, p. 1-194

ROEHRIG, Catharine H; ROTH, Ann Macy. *Magical bricks and the bricks of birth.* Thousand Oaks: ***The Journal of Egyptian Archaeology (JEA)***, v. 88, 2002, p. 121-139.

ROLLAND, Cintia Alfieri Gama. Evitando a "Segunda Morte": a necessidade alimentar do morto para manter-se vivo no Egito Antigo. São Paulo: **Revista REVER**, v. 15, n. 1, 2015, p. 10-30.

SCALF, Foy. *Magical Bricks in the Oriental Institute Museum of the University of Chicago.* Hamburg: ***Studien zur Altägyptischen Kultur***, Bd. 38, 2009, p. 275-305.

SILVA, Luiza Osorio G. *The Myth of the Mundane: The Symbolism of Mud Brick and Its Architectural Implications.* Cairo: ***Journal of the American Research Center in Egypt (JARCE)***, v. 56, 2020, p. 181-197.

SILVERMAN, David P. *Magical Bricks of Hunuro.* In: MANUELIAN, Peter Der (ed.). ***Studies in honor of William Kelly Simpson (vol. 2).*** Boston: Museum of Fine Arts Press, 1996, p. 725–741.

SOUZA, Camila Diogo; TACLA, Adriene Baron (orgs). **Dicionário de Arqueologia Funerária.** Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2024, p. 1-215.

STRUDWICK, Nigel. ***Masterpieces of Ancient Egypt.*** Londres: The British Museum Press, 2006, p. 214-216.

TAYLOR, John Hilton. ***Journey through the afterlife: Ancient Egyptian Book of the Dead.*** Cambridge: Harvard University Press, 2010, p. 1-319.

TAYLOR, John Hilton. *The burial assemblage of Henutmehyt: Inventory, date and provenance.* In: DAVIES, W. V. (ed.). ***Studies in egyptian antiquities: A tribute to T. G. H. James.*** Londres: British Museum Occasional Publications, v. 123, 1999. 59–72.

THOMAS, Elizabeth. *The four niches and amuletic figures in Theban royal tombs.* Cairo: ***Journal of the American Research Center in Egypt (JARCE)***, v. 3, 1964, p. 71-78.

VOSS, M. Heerma Van. *An egyptian magical brick.* Leiden: ***Journal of the Ancient Near Eastern Society "Ex Oriente Lux" (JEOL)***, v. VI, n. 18, 1965, p. 314-316.

ZINN, Katharina. *Magic, Pharaonic Egypt.* In: BAGNALL, R; BRODERSEN, K; CHAMPION, C; ERSKINE, A; HUEBNER, S (orgs.). ***The Encyclopedia of Ancient History (1 ed.).*** New Jersey: Blackwell Publishing Ltd, 2013, p. 4227-4231.

Fontes arqueológicas

INSTITUTE FOR THE STUDY OF ANCIENT CULTURES, WEST ASIA & NORTH AFRICA (ISAC). **"E6777".** Chicago: Coleção online do ISAC, 2026. Disponível em:

<https://isac-idb.uchicago.edu/id/b136364e-370c-42bb-9a1e-0a6865f3dafb>. Acesso em: 28/09/2025.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF ANCIENT CULTURES, WEST ASIA & NORTH AFRICA (ISAC). **"E6792".** Chicago: Coleção online do ISAC, 2026. Disponível em: <https://isac-idb.uchicago.edu/id/fbce2d10-bf4c-4a72-8645-0ab263ef6d75>. Acesso em: 28/09/2025.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF ANCIENT CULTURES, WEST ASIA & NORTH AFRICA (ISAC). **"E10544".** Chicago: Coleção online do ISAC, 2026. Disponível em: <https://isac-idb.uchicago.edu/id/52cba4c0-995a-47e7-8f1d-f9524adadd26>. Acesso em: 28/09/2025.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF ANCIENT CULTURES, WEST ASIA & NORTH AFRICA (ISAC). **"E12289".** Chicago: Coleção online do ISAC, 2026. Disponível em: <https://isac-idb.uchicago.edu/id/bdc68ded-a4fb-45a4-b462-21deda6011b7>. Acesso em: 28/09/2025.

MUSEU BRITÂNICO. **"EA41544".** Londres: Coleção online do Museu Britânico, 2026. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA41544>. Acesso em: 18/12/2024.

MUSEU BRITÂNICO. **"EA41545".** Londres: Coleção online do Museu Britânico, 2026. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA41545_1>. Acesso em: 18/12/2024.

MUSEU BRITÂNICO. **"EA41546".** Londres: Coleção online do Museu Britânico, 2026. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA41546_1>. Acesso em: 18/12/2024.

MUSEU BRITÂNICO. **"EA41547".** Londres: Coleção online do Museu Britânico, 2026. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA41547>. Acesso em: 18/12/2024.

MUSEU DO LOUVRE. **"N842E".** Paris: Coleção online do Museu do Louvre, 2026. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010033706>. Acesso em: 30/03/2025.

MUSEU DO LOUVRE. **"N842F".** Paris: Coleção online do Museu do Louvre, 2026. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010033707>. Acesso em: 30/03/2025.